

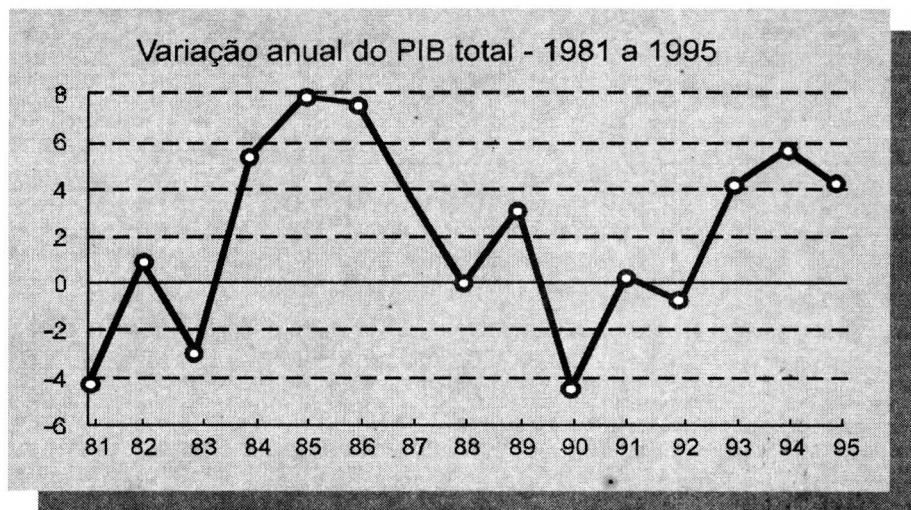
Safra recorde em 1995

A produção agrícola de 1995 quebrou o recorde do setor, com 79,264 milhões de toneladas, o que significa aumento de 5,44%, em relação a 94. Na região Centro-Sul e Rondônia, que responde por 90% da produção nacional, o acréscimo chegou aos 6,40%. Em contra-partida, houve quebra de safra (-2,21%) nas regiões Norte e Nordeste, onde são colhidos os 10% restantes.

Para 1996, as primeiras estimativas dão conta de uma safra menor. Segundo o *Levantamento Sistemático da Produção Agrícola* realizado em dezembro, a previsão é de que a produção total para a região Centro-Sul e Rondônia seja 9,0% inferior à safra do ano passado: 56,920 milhões de toneladas, contra 62,558 milhões obtidos em 1995.

As folias de Momo e o curto mês de fevereiro atrasaram esta edição da Carta IBGE, agora sob nova direção. Depois de longos anos de dedicação ao IBGE, a jornalista Shirley Soares, que oportunamente iniciou este projeto, deixou a Fundação para continuar o seu sucesso numa iniciativa própria. Em seu lugar, assume o jornalista Carlos Vieira. Com tudo isso, o que era para ser a edição da segunda quinzena de fevereiro passou a ser a da 1ª quinzena de Março. A retidão desses tempos de Quaresma, no entanto, vai, certamente, ajudar a Carta IBGE no seu retorno à normalidade, que é informar um público cada vez maior a respeito dos produtos estatísticos e geocientíficos do IBGE.

A propósito, com este número enviamos um questionário para atualização de endereços e uma tomada de pulso da Carta. É importante que você responda e nos envie as suas impressões. O objetivo é, sempre, melhorar o nosso produto a cada dia.



PIB cresceu 4,2% em 95

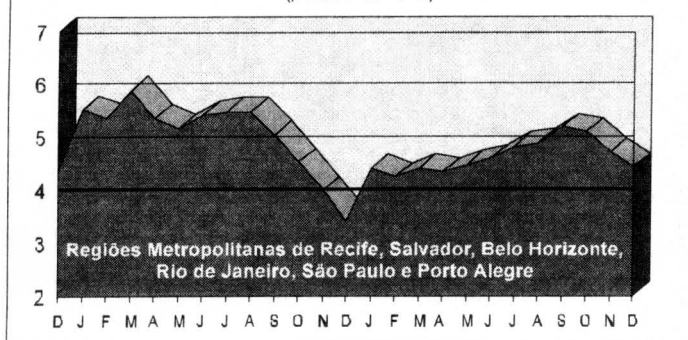
O ajuste monetário proporcionado pelo governo foi um fator fundamental no desempenho da atividade econômica, em 1995. É essa a conclusão que se chega ao analisar a evolução do PIB e, particularmente, da Indústria, no ano passado. Os números do PIB, que revelam um crescimento de 4,2% no ano passado, mostram que, no primeiro trimestre de 95, a expansão ainda foi muito forte, chegando a 10,4%, em relação ao mesmo período do ano anterior.

A partir do segundo trimestre, porém, a economia começou a sentir os efeitos da política monetária e reduziu os níveis de atividade no segundo e terceiro trimestres. No último trimestre do ano, teve início uma pequena recuperação em função das medidas de flexibilização da política monetária. Isoladamente, a Indústria, medida pela Pesquisa Industrial Mensal, apresentou uma modesta expansão (1,7%) em 95, em virtude da retração ocorrida no setor de maio a agosto. A evolução da produção industrial

é marcada por altas taxas de crescimento na primeira metade do ano. Na segunda metade, porém, a situação invertese em função de dois fatores: o efeito da política de contenção do consumo e, à medida que o ano chegava ao fim, um fenômeno estatístico explicado pelas altas bases de comparação devido aos excelentes resultados verificados na indústria a partir da segunda metade de 94. Este fator atinge o ápice em dezembro de 95, quando, na comparação com o mesmo mês do ano anterior, a indústria registra -11,7% de queda, o pior resultado mensal desde agosto de 92.

Esse fenômeno deverá continuar, provocando números negativos no início de 96. Outra característica marcante da Indústria em 95 foram os resultados bastante diferenciados, tanto por categorias de uso como por gêneros industriais, revelando que as medidas econômicas adotadas pelo governo atingiram a indústria de forma bastante diferenciada.

TAXA MÉDIA DE DESEMPREGO ABERTO
(período: semana)



Desemprego de 95 ficou em 4,64%

O desemprego aberto, calculado em seis regiões metropolitanas (Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte, Recife e Salvador), fechou o ano de 95 com uma taxa média de 4,64%, abaixo, portanto, do resultado de 1994 (5,06%).

Por setor de atividade, a taxa média de desemprego caiu na construção civil (de 6,07% para 5,49%), na indústria de transformação (de 6,15% para 5,76%), no comércio (de 5,39% para 5,02%) e nos serviços (de 3,83% para 3,55%). Por sexo, essa taxa diminuiu mais para as mulheres (de 5,44% para 4,82%) do que para os homens (de 4,81% para 4,51%).

O número de pessoas ocupadas em dezembro aumentou 1,97% em relação a dezembro de 94. Em termos anuais, o número de pessoas ocupadas em 95 foi de 2,8% maior do que o registrado em 1994, destacando-se os setores de serviços e de comércio. A indústria de transformação, embora tenha apresentado uma variação positiva na comparação 95/94, sofreu quedas significativas a partir de setembro.

Comércio do Rio cresce 33,3% em 95

O comércio do Rio de Janeiro fechou o ano de 1995 com 33,3% de crescimento no faturamento real. Por grupo de produtos, os melhores desempenhos ficaram com artigos de "consumo pessoal" (64,5%) e de "consumo residencial" (45,5%). O único resultado negativo foi verificado no grupo "material de construção" (-3,1%).

Em dezembro, o comércio acabou reagindo favoravelmente às medidas de ampliação do crédito. O novo quadro influenciou fortemente o faturamento - e, por conseqüência, os salários -, mas não foi suficiente para impor um ritmo mais favorável de expansão ao emprego. Comparados ao mês de novembro, os salários do setor tiveram uma expansão de 40,8%, enquanto o nível de emprego registrou uma variação positiva de 2,1%.

INPC de janeiro foi de 1,46% e IPCA ficou em 1,34%

A inflação de janeiro, medida em 11 localidades do País, ficou em 1,46% para o INPC, calculado com base no consumo médio das famílias com renda de um a oito salários mínimos, e em 1,34% para o IPCA (famílias com renda de um a quarenta salários mínimos). Este resultado aponta uma queda em relação a dezembro de 95, quando o INPC ficou em 1,65% e o IPCA em 1,56%.

No caso do INPC, o grupo

que mais colaborou para esse resultado foi o de Habitação, com 2,54% de variação, puxado sobretudo pelos subitens aluguel, condomínio e taxas prediais. As localidades que apresentaram as maiores altas nesse item foram Recife (5,57%) e Rio de Janeiro (4,14%).

Quanto ao IPCA, o grupo Habitação, com 2,16%, praticamente empatou com o de Despesas Pessoais (2,15%).

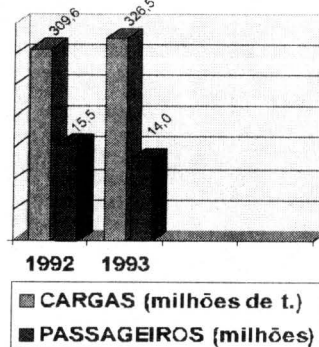
Em 93, frota rodoviária aumentou mas número de passageiros caiu

A Pesquisa Anual do Transporte Rodoviário - PATR - constatou que em 1993, quando foram pesquisadas as 6.551 empresas representativas do setor, cerca de 83% se dedicavam exclusivamente ao transporte de cargas. No entanto, as empresas de transporte de passageiros, em número bem menor, continuavam empregando mais: cerca de 65% das pessoas ocupadas. De 1992 para 1993 o contingente de mão-de-obra aumentou em 2%, significando um acréscimo de quase 15 mil trabalhadores.

Entre 92 e 93, a frota das empresas de veículos de passageiros aumentou praticamente 3,0%, enquanto a frota de cargas diminuiu 2,0%. Dos veículos de passageiros, só houve queda no número de

microônibus, que passou de 1.133, em 1992, para 1021, em 1993. A frota de ônibus, em 93, recebeu mais 3.330 veículos. Entre os veículos de carga, a frota de picapes, furgões e utilitários cresceu 8,5% em relação ao ano anterior, mas a capacidade diminuiu -9,9%.

A PATR tem por objetivo obter informações sobre o fluxo e capacidade de transporte rodoviário de passageiros e cargas no Brasil, incluindo dados econômico-financeiros sobre as empresas do ramo.



Inflação baixa explica expansão de 12,0% na produção animal

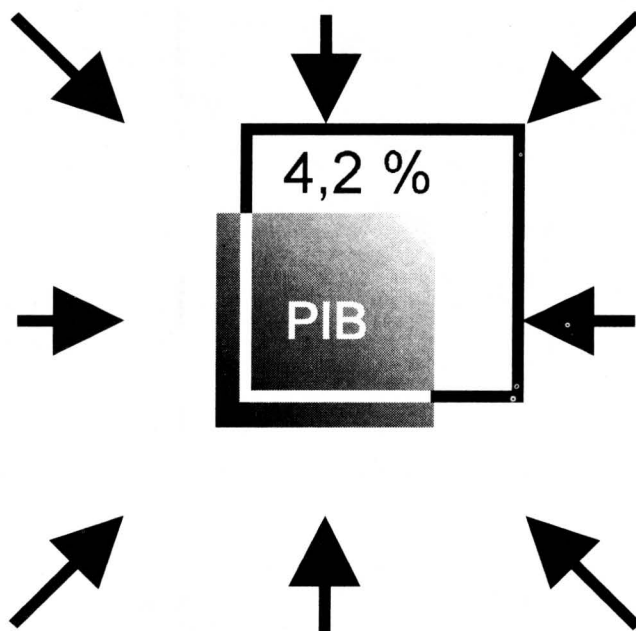
De acordo com a evolução do PIB, o setor Agropecuário foi o que mais cresceu no ano passado: 5,9%. O destaque vai para a Produção Animal, com um desempenho de 12,0%, graças ao aumento da demanda provocado pelo fim do imposto inflacionário para as camadas de mais baixa renda. As lavouras também registraram um desempenho bastante satisfatório, embora tenha apresentado um percentual de apenas 0,7%, em virtude da base de comparação utilizada para a safra de 94/95 (a safra de 93/94) ter sido muito alta.

Serviços crescem 5,7%

Realidade totalmente diversa viveu o setor de Serviços, que cresceu 5,7%, em 95. Os ramos que mais contribuíram para este desempenho foram o de telecomunicações, com uma expansão de 24,3%, e o comércio, que cresceu 7,4%. Os demais segmentos apresentaram crescimento pouco expressivos, sendo que as instituições financeiras chegaram a registrar uma retração de 7,4%, refletindo os ajustes por que passam os bancos desde a estabilização da moeda.

Indústria cresce 1,7% em 95, com resultados diferenciados

E, por falar em Pesquisa Industrial Mensal, os resultados da PIM para 95 já estão disponíveis, revelando um resultado global (crescimento médio de 1,7%), formado por desempenhos bastante diferenciados nos diversos ramos industriais, desde os -16,8% registrados por couros e peles até os 18,2% de crescimento verificados na indústria farmacêutica. Por categoria de uso, chama a atenção o desempenho de bens duráveis (12,0%), fruto do resultado positivo alcançado na produção de eletrodomésticos (18,5%). As explicações para esse crescimento vão desde a redução dos preços, o início de um novo ciclo de endividamento e a existência de uma demanda reprimida à própria estabilização da economia. Já o tímido resultado de bens de capital (0,4%) reflete, sobretudo, a forte retração do investimento agrícola. A produção de máquinas e equipamentos para esse setor caiu 33,8%, de janeiro a dezembro.



Indústria sofreu os efeitos da retração do consumo

O comportamento da Indústria, em 95, foi bastante afetado pela política de restrição monetária implementada pelo governo, sobretudo os setores da indústria de transformação (1,6%) e a construção civil (0,3%). Vale destacar que este resultado global da Indústria (2,0%) leva em conta também o crescimento de 7,5% verificado nos Serviços Industriais de Utilidade Pública-SIUP. Isto explica a diferença para os resultados da Pesquisa Industrial Mensal, que não leva em conta o SIUP e calculou um crescimento de apenas 1,7%, em 95.

Pernambuco e Santa Catarina na liderança

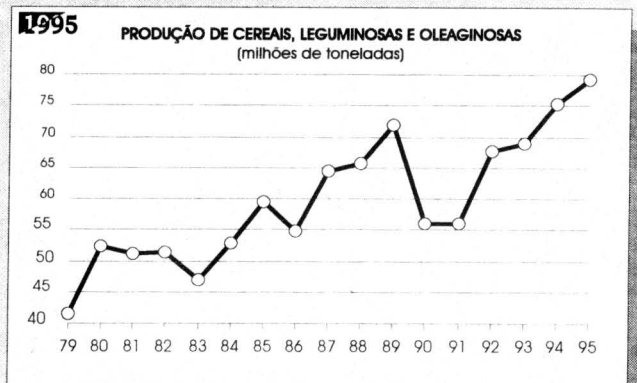
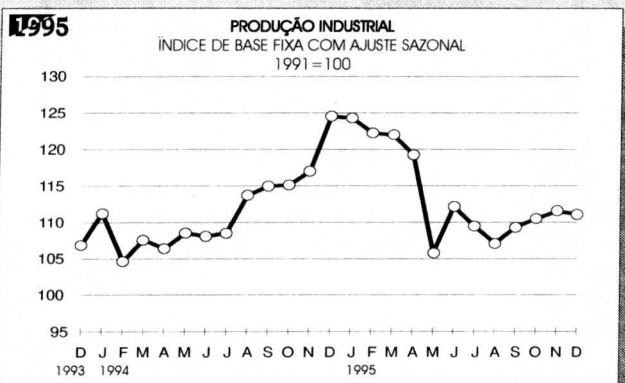
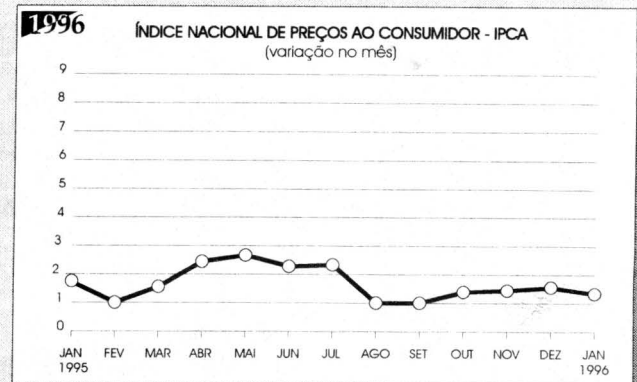
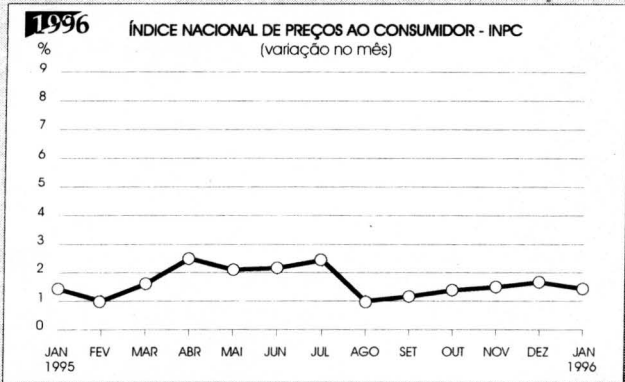
Por regiões, as indústrias de Pernambuco (5,8%) e Santa Catarina (5,7%) lideraram o crescimento industrial no ano passado, com Minas Gerais (3,1%) ficando também acima da média nacional. São Paulo (1,3%), Nordeste (0,7%) e Rio de Janeiro (0,3%) foram as demais localidades que apresentaram resultado positivo. Rio Grande do Sul (-7,0%), Paraná (-5,6%), Região Sul (-2,1%) e Bahia (-0,9%) registraram resultados negativos. O desempenho da indústria gaúcha foi profundamente afetado pela forte retração na indústria mecânica, que só no segundo semestre recuou -66,7%. A explicação para este resultado foi a queda na produção de máquinas agrícolas.

Errata

Na última edição da Carta IBGE, foi dito, no título da primeira página, que as áreas preservadas no Brasil (44,6 milhões de hectares) representam 146 Bêlgicas e mais que uma Índia. Na verdade, são 14,6 Bêlgicas, o que equivale, aproximadamente, à sétima parte da Índia.

Emprego cai 1,8% e salário médio sobe 8,8%

O número de trabalhadores na Indústria caiu 1,8% em 95, em relação ao ano anterior, em todas as regiões, com exceção do Nordeste, onde cresceu 0,8%. Minas Gerais (-3,5%), Região Sul (-3,0%), Rio de Janeiro (-2,0%) e São Paulo (-1,2%) registraram redução de trabalhadores. Já os salários experimentaram uma melhora: a massa total de salários aumentou 6,5%, em 95, e o salário médio real, 8,8%.



INDICADORES CONJUNTURAIS

- **PRODUTO INTERNO BRUTO**
Total (1980 = 100)
Agropecuária (1980 = 100)
Indústria (1980 = 100)
Serviços (1980 = 100)
- **PRODUÇÃO AGRÍCOLA** (milhões de toneladas)
Total de cereais, leguminosas e oleaginosas(3)
- **PRODUÇÃO INDUSTRIAL** (índices mensais)
Total (média de 1991 = 100)
Bens de capital (média de 1991 = 100)
Bens intermediários (média de 1991 = 100)
Bens de consumo duráveis (média de 1991 = 100)
Bens de consumo não-duráveis (média de 1991 = 100) (8)
- **COMÉRCIO VAREJISTA** (índices mensais (5)
Faturamento (jan/95 = 100) (6)
Emprego assalariado (jan/95 = 100)
Salários e outras remunerações (jan/95 = 100) (6)
- **MERCADO DE TRABALHO**
Taxa média de desemprego aberto (%) (7)
Rendimento médio real (índice mensal, jul/94 - 100) (8)
Empregados c/ carteira assinada
Empregados s/ carteira assinada
Conta própria
Emprego industrial (índice mensal, 1985=100) (9)
Salário médio real na indústria (índice mensal, 1985 =100) (10)
- **PREÇOS**
Índice Nacional de Preços ao Consumidor - INPC (dez - 100)
Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo - IPCA (dez/93 = 100)
Índice Nacional de Preços ao Consum. Amplo Esp. - IPCA-E (dez/93=100)
Custo médio da construção civil (R\$/ m²)

PERÍODO DE REFERÊNCIA	NÍVEL	VARIÇÃO EM RELAÇÃO AO PERÍODO ANTERIOR	VARIÇÃO EM RELAÇÃO AO MESMO PERÍODO DO ANO ANTERIOR
1995/ IV(*)	133,82 (1)	1,97(1)	4,20(1)
1995/ IV(*)	159,34 (1)	2,13(1)	5,89(1)
1995/ IV(*)	109,98 (1)	1,70(1)	1,98(1)
1995/ IV(*)	154,21 (1)	2,13(1)	5,67(1)
Dez/95(*)	79,264	-	5,44(4)
Dez/95(*)	100,97	-0,35(1)	-11,68
Dez/95(*)	90,82	-3,31(1)	-32,73
Dez/95(*)	98,50	0,10(1)	-12,38
Dez/95(*)	124,70	-3,12(1)	- 3,72
	106,17	1,72(1)	0,12
Dez/95(*)	134,17	33,33	-
Dez/95(*)	93,52	2,08	-
Dez/95(*)	165,09	40,79	-
Dez/95(*)	4,44	-5,93	29,82
Nov/95(*)	123,27	2,86	13,94
Nov/95(*)	115,31	1,94	10,56
Nov/95(*)	134,38	4,42	23,01
Nov/95(*)	137,91	5,76	18,91
Nov/95	76,97	-1,62	-8,00
Nov/95	121,75	3,13	12,22
Jan/96(*)	1273,92	1,46	22,01
Jan/96(*)	1260,90	1,34	21,97
Out/Nov/Dez	-	4,22 (11)	-
Janeiro/96	314,87	0,73	21,04

NOTAS: (1) Série com ajuste sazonal. (2) Taxa acumulada no ano. (3) Estimativa no mês de referência para a produção total esperada no ano em curso (caroço de algodão, soja, milho, trigo, arroz, feijão, amendoim, mamona, aveia, centeio, cevada e sorgo). (4) Variação em relação à produção obtida no ano anterior. (5) Resultados da Pesquisa Mensal de Comércio para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro. (6) Deflacionado pelo IPCA da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. (7) Taxa média de desemprego aberto (semana), abrangendo regiões metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. (8) Rendimento do trabalho principal das pessoas ocupadas, deflacionado pelo INPC. (9) Pessoal ocupado na produção. (10) Deflacionado pelo INPC. (11) Variação acumulada no período de referência. O IPCA-E é divulgado ao final de cada trimestre. (.) Novo nesta quinzena.